

# Utopia Global do Espírito Santo

Santidade, Instituições e Património

Volume III

José Eduardo Franco  
António Manuel Ribeiro Rebelo

**Coordenação científica**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
2021

**EDIÇÃO** Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt | URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc) | Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

**COORDENAÇÃO CIENTÍFICA** José Eduardo Franco e António Manuel Ribeiro Rebelo

**COORDENAÇÃO EXECUTIVA** Filipa Araújo e Joana Balsa de Pinho

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** Imprensa da Universidade de Coimbra

**CONCEÇÃO E EXECUÇÃO GRÁFICA** Carolina Grilo

**REVISÃO** Álvaro Almeida, Ana Rita Araújo, António Manuel Ribeiro Rebelo, Bruno Lima, Carlos Serra, Cristiana Lucas Silva, Maria João Nobre, Maria José Figueiredo, Milene Alves, Paula Carreira, Porfírio Pinto, Samuel Oliveira, Sara Carvalhais de Oliveira e Susana Mourato Alves-Jesus

**TRADUÇÃO** António Manuel Ribeiro Rebelo, Bruno Lima, José Bernardino, José Eduardo Franco, Maria João Nobre, Pedro Ferreira e Porfírio Pinto

**FOTOGRAFIA DA CAPA** Bernardes Franco

**ISBN** 978-989-26-2174-6

**ISBN DIGITAL** 978-989-26-2176-0

**DOI** <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2176-0>

**DEPÓSITO LEGAL** 484292/21

**APOIO EDITORIAL E DISTRIBUIÇÃO** Theya Editores – CEG-CIPSH-UAb

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes – IECCPMA  
Rua Ladislau Patrício, 8, 1.º A | 1750-136 Lisboa | (00351) 934 323 983 | 969 977 702  
[theyaeditores@gmail.com](mailto:theyaeditores@gmail.com) | <http://theya-ed.org/>

Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta – CEG-CIPSH-UAb  
Palácio Ceia, Rua da Escola Politécnica, 147 | 1269-001 Lisboa

As imagens publicadas na presente obra foram cedidas pelos autores dos textos que a compõem, que se responsabilizam exclusivamente pelas mesmas.

Coleção promovida em parceria com o DEG – Programa de Doutoramento em Estudos Globais/CEG/UAb e com a Fundação Calouste Gulbenkian, e em associação com a Theya Editores do IECCPMA.

**COLEÇÃO DE ESTUDOS GLOBAIS**

**DIREÇÃO DE** Guilherme d'Oliveira Martins, João Relvão Caetano e José Eduardo Franco

© JUNHO 2021, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Utopia Global do Espírito Santo / coordenação científica José Eduardo Franco e António Manuel Ribeiro Rebelo – 3 vols.

ISBN – 978-989-26-2174-6 (ed. impressa);  
ISBN – 978-989-26-2176-0 (ed. eletrónica)

I – FRANCO, José Eduardo  
II – REBELO, António Manuel Ribeiro

CDU -

## Sumário

<b>Os santos enquanto espelho do amor de Deus</b> .....	9
Virgílio Antunes	
<b>I. Espírito e Santidade</b> .....	19
A dimensão canónica da canonização .....	21
Pedro Miranda	
Santos de tradição franciscana em Portugal: Algumas reflexões .....	29
Saul António Gomes	
Matrizes hagiográficas lusitanas para um santo franciscano de Apúlia (séculos XVII-XVIII) .....	45
Paola Nestola	
<b>II. Rainha Santa Isabel: Santidade Plural</b> .....	59
A «Rainha Santa» Isabel de Portugal: Uma figura do franciscanismo principesco .....	61
André Vauchez	
«Érades boa para rei!»: O carisma da secularidade na vida da Rainha Santa Isabel de Portugal .....	77
Gonçalo Portocarrero de Almada	
S. <sup>ta</sup> Isabel de Portugal no primeiro quartel do século XVII: Um modelo hagiográfico de heroísmo e excelência de virtudes .....	97
Carlota Miranda Urbano	
O culto à rainha Isabel: A reconstrução da memória da santa e a renovação dos valores cristãos .....	109
Ana Carine Cerva	
S. <sup>ta</sup> Isabel de Portugal <i>versus</i> mulheres santas retratadas em <i>Żywoty Świętych</i> , de Piotr Skarga: O modelo da devoção feminina ...	123
Ewa Cybulska-Bohuszewicz	
<b>III. Rainha Santa: Culto e Receção</b> .....	135
Visitações literárias à Rainha Santa Isabel .....	137
José Carlos Seabra Pereira	
O culto a S. <sup>ta</sup> Isabel, rainha de Portugal: Da morte à beatificação .....	151
António Manuel Ribeiro Rebelo	
A Rainha Santa Isabel na literatura jesuítica: A <i>Oratio</i> de Duarte de Sande pronunciada em 1574 no Colégio das Artes, em Coimbra .....	177
Mário Magalhães Lopes da Silva	

Em torno da tradição da instituição dos Impérios do Divino Espírito Santo pela Rainha Santa Isabel .....	195
Manuel J. Gandra	
Utopia da fraternidade universal em Rainha Santa, Festas do Espírito Santo e António Sérgio .....	211
Matilde Sousa Franco	
<b>IV. Rainha Santa Isabel: Modelações na Arte .....</b>	<b>261</b>
De Rainha a Santa: A evolução da iconografia de D. Isabel de Aragão, esposa do rei D. Dinis, através dos séculos .....	263
Giulia Rossi Vairo	
A veneração e o imaginário de Isabel de Portugal na Europa Ocidental do século XVII ao século XX .....	285
Evelyne M. F. Verheggen	
Devoção e condição peregrina: A relíquia-bordão da Rainha Santa Isabel .....	333
Milton Pedro Dias Pacheco	
Culto à Rainha Santa na azulejaria em Portugal: A sua devoção em Lisboa .....	389
Adelaide Nabais e Augusto Moutinho Borges	
<b>V. Rainha Santa Isabel na Arte Portuguesa:</b>	
<b>O Antigo Convento do Bom Jesus de Monforte .....</b>	<b>407</b>
As desaparecidas pinturas de brutesco da igreja do Convento do Bom Jesus de Monforte .....	409
José Inácio Militão Silva e Vitor Serrão	
Os painéis da Rainha Santa Isabel do Convento do Bom Jesus de Monforte: Um singular programa iconográfico .....	435
Maria de Lourdes Cidraes	
A autoria dos azulejos do Convento do Bom Jesus de Monforte .....	463
José Meco	
Montagem e inventariação dos painéis de azulejo da igreja do Convento do Bom Jesus de Monforte .....	471
Paula Morgado	
<b>VI. Franciscanidade e Paracletianismo:</b>	
<b>Hagiografia, Arquitetura e Arte .....</b>	<b>497</b>
Das flores e dos santos: Significado das flores no contexto hagiográfico .....	499
Isabel Bastos	

Figurações da pomba do Espírito Santo na arquitetura em Portugal ...	511
Augusto Moutinho Borges	
Sistema hidráulico na arquitetura franciscana portuguesa (séculos XIII a XVI): Casos de estudo .....	521
Patrícia Alho	
<b>VII. Espírito das Misericórdias .....</b>	<b>535</b>
A misericórdia enquanto utopia possível: As Santas Casas e as obras de misericórdia como ideário de solidariedade integral .....	537
Joana Balsa de Pinho e José Eduardo Franco	
As Misericórdias do Minho na Idade Moderna: Contextos e dinâmicas .....	555
Maria Marta Lobo de Araújo	
A Santa Casa da Misericórdia de Viseu: 500 anos de história .....	573
Ana Filipa Pinto e Vera Magalhães	
Monsenhor José de Castro e a Santa e Real Casa da Misericórdia de Bragança .....	595
Henrique Manuel Pereira e Sandra Vale	
<b>VIII. Misericórdias: História, Património e Cultura .....</b>	<b>609</b>
Misericórdias e espaço construído: Processo, contexto e motivações do uso de edifícios preexistentes .....	611
Joana Balsa de Pinho	
Imagens de piedade: As «artes da cal» nas Misericórdias do Alentejo .....	637
Patrícia Monteiro	
A música no contexto da ação e do papel social da Misericórdia de Braga .....	659
Elisa Lessa	
<b>IX. Expressões e Usos do Património Imaterial: O Caso das Festas do Espírito Santo nos Açores .....</b>	<b>675</b>
As Festas do Espírito Santo nos Açores e a sua fruição pelo turista religioso .....	677
Paula Campos e Margarida Sá Nogueira Lalanda	
As Festas do Espírito Santo nas ilhas do Faial, de São Jorge e Graciosa ....	691
Viviana Silva Vieira e Margarida Sá Nogueira Lalanda	

As Festas do Espírito Santo da vila de Rabo de Peixe,  
ilha de São Miguel ..... 721  
Sónia Moniz e Margarida Sá Nogueira Lalanda

O culto ao Espírito Santo na Fazenda de Santa Cruz,  
ilha das Flores ..... 739  
Sara Silva Nóia e Margarida Sá Nogueira Lalanda

### **Clausura**

Génese histórica do Patriarcado de Lisboa  
e as origens dos seus patriarcas ..... 753  
Francisco Senra Coelho

# A veneração e o imaginário de Isabel de Portugal na Europa Ocidental do século XVII ao século XX<sup>1</sup>

*Isabel of Portugal's veneration and imaginary in Western Europe from the 17<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> century*

Evelyne M. F. Verheggen

RUUSBROECCGENOOTSCHAP (UNIVERSIDADE DE ANTUÉRPPIA) / [everheggen@kpnmail.nl](mailto:everheggen@kpnmail.nl)  
[https://doi.org/10.14195/978-989-26-2176-0\\_15](https://doi.org/10.14195/978-989-26-2176-0_15)

**Resumo:** No início do período moderno, Isabel de Portugal não era venerada somente na Península Ibérica, mas também na restante Europa Ocidental. A partir do momento em que foi canonizada, em 1625, pelo papa Urbano VIII, foi incluída no calendário romano geral. Tal indica que a rainha Isabel era retratada para ser lembrada e honrada na espiritualidade diária dos religiosos (e leigos). Estes retratos ou estampas de devoção foram produzidos principalmente em Antuérpia, que era o centro internacional de impressão de livros e produção de estampas de devoção durante os séculos XVII e XVIII.

**Palavras-chave:** Antuérpia; devoção; estampas; Isabel de Portugal

**Abstract:** In the early modern period, Isabel of Portugal was not only venerated in the Iberian Peninsula, but also in the rest of Western Europe. From the moment she was canonized in 1625 by Pope Urban VIII, she was included in the general Roman calendar. This indicates that Queen Isabel was portrayed to be remembered and honoured in the daily spirituality of religious men (and lay people). These portraits or devotional prints were produced mainly in Antwerp, which was the international centre for printing books and producing devotional prints during the 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> centuries.

**Keywords:** Antwerp; devotion; prints; Isabel of Portugal.

## *A história da utilização de estampas de devoção enquanto propiciadoras da oração<sup>2</sup>*

Na história da Igreja Católica Romana, as imagens e estátuas desempenharam um papel relevante. Embora o Antigo Testamento, no Êxodo, desaconselhasse a veneração de imagens, estas foram, ao longo da História, tão importantes como

---

<sup>1</sup> Com o meu profundo agradecimento a António Rebelo, que muito me entusiasmou na pesquisa das imagens de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal e que se responsabilizou pela tradução final do meu contributo. Grata também a Kees Bertels e Inge Schriemer.

<sup>2</sup> A introdução sobre as estampas de devoção é baseada na minha tese de doutoramento. Cf. Verheggen, 2006.

a palavra. Já no século VI, o papa Gregório Magno justificava o uso de imagens como forma de explicar a Bíblia àqueles que não sabiam ler em latim, dando origem ao aparecimento da chamada *Biblia Pauperum* [*Bíblia dos Pobres*]. Além disso, as imagens contribuía para a memorização. Imagens da vida de Cristo ou dos santos permitiam recordar esses santos antecessores e seguir as suas virtudes.

Na Europa Ocidental, no final da Idade Média, sob a influência da *Devotio Moderna*, foi desenvolvido o hábito de orar com a ajuda de estampas de devoção, livros e outros materiais (por exemplo, relíquias e insígnias ou placas de peregrinos). A obra de referência deste movimento, *A Imitação de Cristo*, escrita por Thomas Kempis (1380-1471), encorajava os leitores a terem bem presente a imagem de Cristo durante todos os seus afazeres para, dessa forma, se identificarem com Ele, de modo a que Ele vivesse, por assim dizer, nos seus corações, conservando na mente essa representação física de Cristo. Os livros e manuscritos produzidos durante a *Devotio Moderna* foram ilustrados com belas imagens, principalmente miniaturas. Mais tarde, a partir do século XV, as imagens eram distribuídas separadamente sob a forma de gravuras de cobre ou de madeira.<sup>3</sup>

As imagens foram também importantes na decoração de igrejas e de outros lugares de oração, como forma de estimular a vida mística dos crentes. Esta veneração tornou-se uma das controvérsias que conduziram ao conflito entre protestantes e católicos no século XVI. No Concílio de Trento, em 1563, foi confirmada e regulamentada a utilização de imagens como auxílio nas orações e nos rituais religiosos. As imagens podiam ser usadas desde que fossem reproduções que estivessem de acordo com a Bíblia. No entanto, a veneração das imagens no sentido de idolatria já não era permitida. Tão-pouco era autorizado o recurso a imagens que evocassem o erotismo. Foram estas as razões que levaram a que muitas representações fossem censuradas depois de Trento com aprovação episcopal.

No final do século XVI e no início do século XVII, foram escritos inúmeros guias com instruções para a prática da meditação e da oração. Um dos livros mais usados e conhecidos foi a *Introdução à Vida Devota*, de S. Francisco de Sales, bispo de Genebra. O livro surgiu, em 1608, em francês, tendo sido traduzido para várias línguas. Nessa obra, S. Francisco fala-nos de três níveis progressivos de oração: 1 – chamar a Deus e colocar-se na sua presença; 2 – invocar o auxílio de Deus, num exercício de humildade em que o ser humano se torna recetivo à meditação; 3 – imaginar o mistério sobre o qual se pretenda meditar.

---

<sup>3</sup> Sobre a produção de estampas de devoção no final da Idade Média, *vid.* Asperen, 2018: 310-312.





**Fig. 1** – Schelte a Bolswert, Virgem Maria representada como Mater Dolorosa, a Senhora das Dores, em meditação diante da Paixão de Cristo. Gravura, 28,7 x 19,2 cm (Antuérpia, Museu Plantin Moretus, n.º invent. PK.OP.11434).

Na oração, a pessoa deve usar todos os seus sentidos: a visão, a audição, o olfato, o gosto e o tato.



**Fig. 2** – Na adoração do Santíssimo Sacramento, as alegorias das figuras femininas representam os cinco sentidos. Anônimo, gravura, 16,5 x 12,3 cm, folha de rosto de J. van Vondel, *Altaergeheimenissen* (Colônia, 1645) (Amsterdão, Allard Pierson, Universidade de Amsterdão O-61-1954).

A meditação deve conduzir a um sentimento de devoção, a uma espécie de transe. O crente deve estar convencido de que a oração o levará a uma vida melhor ou ter, pelo menos, a intenção de o fazer. A função das imagens é explicada por

Luis de la Puente (Ludovicus de Ponte), no livro *Meditatiën*, de 1632. No capítulo «Van eenighe uysterlijcke hulpe»<sup>4</sup> (para meditar), o jesuíta espanhol descreve, de forma clara e concisa, o modo como a imaginação e os sentidos podem funcionar enquanto instrumentos da oração:

Embora a meditação deva ser praticada com a mente, pode obter a ajuda da imaginação, da palavra e dos sentidos. A imaginação é muito útil para ver as coisas vividamente. Ela é usada no início da meditação, de acordo com o tema sobre o qual alguém deseja meditar. Por exemplo, se alguém medita sobre o Inferno, deve imaginar lugares como uma prisão: escura, abafada, profunda, terrível, em chamas, onde os condenados se encontram acorrentados. O tema do nascimento de Cristo estimula a fantasia sugerindo a ideia de um estábulo em ruínas, onde o vento sopra de todos os lados. Algumas pessoas podem ser tocadas por uma visão do Céu ou de uma imagem devota; outras são tocadas por alguns bons hábitos, como bater no peito, ajoelhar-se com frequência, cair prostrado, esticar os braços ou ficar de pé. Deve-se, no entanto, evitar fazer coisas invulgares em público. (Ponte, 1632)

### *As filhas ou virgens espirituais*

Na República Holandesa, dominada pelos protestantes, muitas mulheres (semi) religiosas eram ativas, ainda que não em conventos oficiais, dado que estes tinham sido proibidos. Depois da Reforma, muitas pessoas, aproximadamente 40 % dos cerca de 1,5 milhões de habitantes do território, permaneceram católicas. As mulheres semirreligiosas praticavam uma vida privada sóbria e virtuosa sob o voto de castidade. A maior parte levava uma vida religiosa austera, com base na prática monástica beneditina *ora et labora*. Viviam «no mundo», ao serviço da Igreja e dos seus sacerdotes, educando crianças e cuidando dos órfãos. Também asseguravam a sua subsistência fazendo trabalhos manuais, o que lhes permitia rezar enquanto trabalhavam.

O número de mulheres que escolhiam tais vidas religiosas superava, de longe, o de homens. Além de aproximadamente 400 sacerdotes, viveram na República da Holanda, durante o século XVII, cerca de 5000 virgens e beguinas (Verheggen, 2006: 85; Monteiro, 1996: 55). Dentre os cuidadores profissionais católicos romanos, 90 % eram mulheres! Estas virgens espirituais (ou filhas) eram conhecidas como *klopjes*.

---

<sup>4</sup> Em português, «Alguma ajuda externa».



**Fig. 3** – Virgem espiritual (Maeght) ajoelhada em oração diante do altar. Desenho colorido em pergaminho. Anónimo, século XVIII. Legenda: «O Jesus soet mijnen Beminden, Laet mijn ziel u altijd vinden [Ó doce Jesus, meu amado, fazei com que a minha alma sempre vos encontre]» (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. OKM dp9018).

Depois da Reforma, ainda havia algumas beguinhas na República, por exemplo em Amesterdão, Haarlem, Delft e Breda. Tal era ainda possível por as casas serem propriedade privada. As virgens espirituais viviam em comum, nas chamadas beguinarias.



**Fig. 4** – Beguina de Amesterdão, em Adriaan Schoonebeek (editor e gravador), *Nette Afbeeldingen der Eyge Dragten van alle Geestelyke Orders; Nevens een Korte Aantekening van Haar Begin, Instelders, en Bevestiging; Tweede deel: Van alle Geestelyke Vrouwen en Nonnen Orders*, 1691, publicada e gravada em Amesterdão (primeira edição em 1688) (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. BMH od5754(2)).

No sul da Holanda, na Flandres, também viviam milhares de irmãs leigas em begunnarias. As irmãs leigas que viviam no exterior eram conhecidas como *kwezels*.



**Fig. 5** – «Quesel». Miniatura pintada em pergaminho (Antuérpia, Ruusbroecgenootschap, coleção A. K. L. Thijs, n.º 979).

Tradicionalmente, eram as mulheres que usavam imagens como auxílio nas suas orações, uma vez que os textos dos livros eram geralmente escritos em latim, uma língua com a qual muitas mulheres não estavam familiarizadas. Na altura da Contrarreforma, muitos livros foram traduzidos do latim. Autores religiosos, artistas e editores de imagens começaram a debruçar-se cada vez mais sobre o grande mercado do público interessado em assuntos religiosos e o das virgens espirituais, cujo centro se situava em Antuérpia. Mas, na República, também foram produzidas estampas de devoção por vários artistas (Verheggen, 2006: 228-259).

Ao entrar na ordem (na «profissão»), as virgens apresentavam-se mutuamente através de livrinhos e imagens – muitas vezes enriquecidos com textos manuscritos e poemas. Aquando da sua morte, eram distribuídos cartões de óbito com o texto de *memento mori* «Reze pela alma de...», como recordações da irmã falecida, do membro da família ou do pai espiritual da comunidade.



**Figs. 6 e 7** – S. Elisabetta (S.<sup>ta</sup> Isabel da Hungria). Frederik Bouttats, c. 1650. Gravura colorida em pergaminho, 9 x 6,5 cm. Um dos mais antigos cartões de óbito. No verso, está escrito: «bijdt om Godts wijl voor de siel van Margareta Couwaels, saligher die is gestorven op den 10 maert 1652 [Rezai, por amor de Deus, pela alma de Margareta Couwaels, bem-aventurada que faleceu no dia 10 de março de 1652]» (vid. Verheggen, 2006: 154-155) (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. OKM dp6242).

Assim, formaram-se novos hábitos nestas comunidades, incluindo o da distribuição de imagens para a primeira comunhão, para o crisma e para a ordenação de sacerdotes. Este costume teve início na República da Holanda e foi depois adotado, nos séculos XVIII e XIX, pelo resto do mundo católico romano. Por todo o lado, os mortos são hoje recordados com cartões de óbito.

Em suma, a utilização e disseminação de estampas de devoção visava, em primeiro lugar, o auxílio à oração. Também eram impressas como lembranças de lugares sagrados (imagens da peregrinação), mais tarde como forma de recordação de uma pessoa falecida (cartões de óbito), como presentes, expressão da ligação a um grupo ou comunidade (*suffragia*, imagens de irmandade), propaganda de ordens/congregações ou canonização de pessoas falecidas em odor de santidade.

## A Lenda Geral

Em 1619, surgiu na República um novo livro sobre vidas de santos, *De Generale Legende der Heylighen*, que se tornou uma publicação de referência durante a Contrarreforma.<sup>5</sup> Na Idade Média, as vidas de santos já haviam sido descritas na *Legenda Aurea* de Tiago de Voragine, entre outros. A revisão deste novo livro foi feita pelo jesuíta holandês Heriberto Rosweyde e pelo jesuíta espanhol Pedro de Ribadeneira.



**Fig. 8** – Folha de rosto da *Generale Legende* [Vidas de Santos], Pedro de Ribadeneira (Toledo, 1527-Madrid, 1611) e Heribertus Rosweyodus (Utreque, 1569-Antuérpia, 1629), Antuérpia, 1619 (Amesterdão, Allard Pierson, Universidade de Amesterdão OF 06-675).

O Concílio de Trento havia descoberto muitas deficiências na prática religiosa medieval, e a Ordem dos Jesuítas, fundada em 1534, analisou à lupa antigos escritos piedosos, que incluíam vidas de santos da Idade Média. Foram também reescritos e publicados novos textos acerca de temas edificantes variados, como a mística e a

<sup>5</sup> O livro deu origem, posteriormente, a uma nova edição crítica, mais extensa, de vidas de santos, os *Acta Sanctorum*, cujo primeiro volume apareceu em 1643.

hagiografia, com o objetivo de os adaptar à nova época. No *De Generale Legende der Heylighen*, eram mensalmente discutidas as vidas de santos, precedidas de uma representação. O livro foi várias vezes reimpresso e revisto.

Dado que Isabel de Portugal foi canonizada em 1625, assistimos a uma mudança da veneração nos livros após essa data: Isabel torna-se uma importante santa a ser seguida, também nos Países Baixos. Na primeira impressão da obra *De Generale Legende der Heylighen*, de 1619, no dia 4 de julho, existe apenas uma representação de S.<sup>ta</sup> Zoa de Roma.



**Fig. 9** – Representações dos santos venerados em julho, in P. Petrus Ribadineirae P. Heribertus Rosweydyus, *Generale Legende*. Gravura segundo projeto de Pieter de Jode I (atribuição graças a Marjolein Leesberg), segunda edição, 1629 (Amsterdão, Allard Pierson).



Na segunda edição, de 1629, Isabel de Portugal é adicionada no dia 4 de julho, antes de S.<sup>ta</sup> Zoa, a 5 de julho, na mesma chapa de cobre. A sua vida é também descrita ao longo de cinco páginas (Ribadineira & Rosweydu, 1629: 13-17).



**Figs. 10 e 11** – Pormenor dos dias 4, 5 e 6 de julho na *Generale Legende*. A primeira edição é de 1619. Na segunda edição, de 1629, S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal é acrescentada no dia 4. Gravura segundo projeto de Pieter de Jode I (Amesterdão, Allard Pierson).

Pela mão do jesuíta Andreas de Boeye (1571-1650), surgiu, em 1631, um livro com as vidas de pessoas casadas que viveram como santos, que pretendia servir de inspiração e de exemplo para católicos casados. Aí se encontra uma descrição biográfica muito desenvolvida, ao longo de nove páginas, de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal (Boeye, 1631: 209-217).

Na tradição da espiritualidade medieval, as virtudes eram importantes para a religiosidade da Igreja Católica. A forma como as virtudes eram representadas pode ser observada numa impressão de Joannes Galle, em Antuérpia. Nesta estampa de devoção, o livre-arbítrio está ao centro. Pode optar-se entre uma vida difícil com virtudes que conduzem ao Céu e uma vida fácil com pecados que conduzem ao Inferno.



**Fig. 12** – *Optima Prudens Elige*, escadas para o Céu e para o Inferno (de *De Gradibus Superbiae et Humilitatis* de Bernardo de Claraval). Johannes Galle, c. 1650. Gravura, 13,5 x 9,5 cm. (Nimega, Universiteitsbibliotheek, hs 323 t.o. f. 90) (*vid.* também fig. 20).

Durante a Contrarreforma, os santos tornaram-se ainda mais importantes pelas suas virtudes, representando um exemplo para os crentes. A Igreja Protestante abolira a veneração de santos, designadamente as imagens da Virgem Maria. Como consequência, quer a veneração de Maria quer os retratos de santos foram usados para encorajar os cristãos protestantes a regressar à Igreja Católica Romana. Belas estampas e outros objetos de devoção, como, por exemplo, relíquias, tornaram-se uma enorme «indústria» de produção em massa desde o final do século XVI, especialmente em Antuérpia (mas também em Paris, Colónia, Nuremberga, Augsburg, Amesterdão, Harlem, Utreque, etc.). O modo como uma estampa de devoção podia estimular a imaginação das virtudes é ilustrado numa estampa de S. Francisco.



**Fig. 13** – S. Francisco abraça Cristo crucificado, de pé sobre as escadas das virtudes da caridade, pobreza, pureza, obediência e humildade. Michiel Cabbage, c. 1700. Gravura colorida em pergaminho, c. 8 x 5 cm (Weert, Museu Jacob van Horne, 8905 (empréstimo dos Frades Menores da Holanda)).

O santo está representado de pé, numa escada, onde se encontram as suas cinco virtudes: caridade, pobreza, pureza, obediência e humildade. Por subir a escada das virtudes, pode abraçar Cristo. A mulher à direita é Maria, a *Mater Dolorosa*, que representa, como modelo, o exemplo de uma irmã leiga que imagina ser parte da cena.

### *As estampas de devoção «tradicionais» de Isabel de Portugal com o bordão, em forma de tau, e as rosas no regaço*

Há muitas semelhanças entre a vida de Isabel de Portugal e a da sua tia-avó Isabel da Turíngia (ou da Hungria). Isabel da Turíngia tornou-se uma santa particularmente virtuosa e popular, com qualidades muito atraentes. Muitos reis, príncipes e princesas deram o seu nome às suas filhas: era, principalmente, um símbolo da *caritas*, uma das quatro virtudes cardeais.<sup>6</sup> Na cultura iconográfica, era retratada como uma virgem (símbolo da sua pureza de espírito) ou uma rainha, dando esmolas a um ou vários mendigos e/ou segurando um livro (religioso) com uma coroa por cima.

<sup>6</sup> Como é sabido, as quatro virtudes cardeais são a *prudentia* (sabedoria), a *iustitia* (justiça), a *temperantia* (temperança) e a *fortitudo* (coragem, força). As três virtudes divinas ou teológicas são a *fides* (fé), a *spes* (esperança) e a *caritas* (amor). Em conjunto, são as sete principais virtudes da tradição católica romana.



**Fig. 14** – S.<sup>ta</sup> Isabel. Representação colorida e decorada com flores em pergaminho, assinada pela impressora Suzanne Verbruggen, c. 1725 (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. BMH dp1750).



**Fig. 15** – S.<sup>ta</sup> Isabel. Imagem colorida em papel, gravada por Theodore van Merlen e publicada por Jean Cnobbaert, c. 1625 (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. BMH dp1490).

A partir do século XIX, Isabel da Turíngia passa a ser retratada com rosas no regaço. A sua *vita* refere que ela terá distribuído pão aos pobres, contra a vontade do seu marido. No momento em que este pensava poder surpreendê-la, Isabel terá aberto o regaço, que se encontraria então repleto de rosas.<sup>7</sup> Uma situação semelhante também ocorre em relação a Isabel de Portugal, que, por isso, é mais frequentemente retratada com rosas no regaço, o que não facilita a interpretação iconográfica. A iconografia de S.<sup>ta</sup> Isabel da Turíngia com rosas no regaço no grafismo popular da Europa Ocidental só se tornou comum nos séculos XIX e XX (Blume & Werner, 2007: 543-613). Em termos de popularidade, nos Países Baixos, S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal permanece na sombra da sua tia-avó.



**Figs. 16-18** – Representações de S.<sup>ta</sup> Isabel da Turíngia em três estampas de devoção (alemã, francesa e holandesa), da primeira metade do século XX (Bruxelas, Coleção Société des Bollandistes).

Depois da sua canonização, em 1625, S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal passa a ser representada por toda a parte na Igreja Católica e, em Antuérpia, são feitas estampas

<sup>7</sup> Na coleção do Museu Catharijneconvent (também disponível na Internet), a iconografia em que Isabel da Turíngia   retratada com rosas no regaço é rara ou está (ainda) completamente ausente, no início do período moderno.

para uso devocional. É representada por Theodoor Galle (1571-1633) como «rainha distinta».<sup>8</sup>

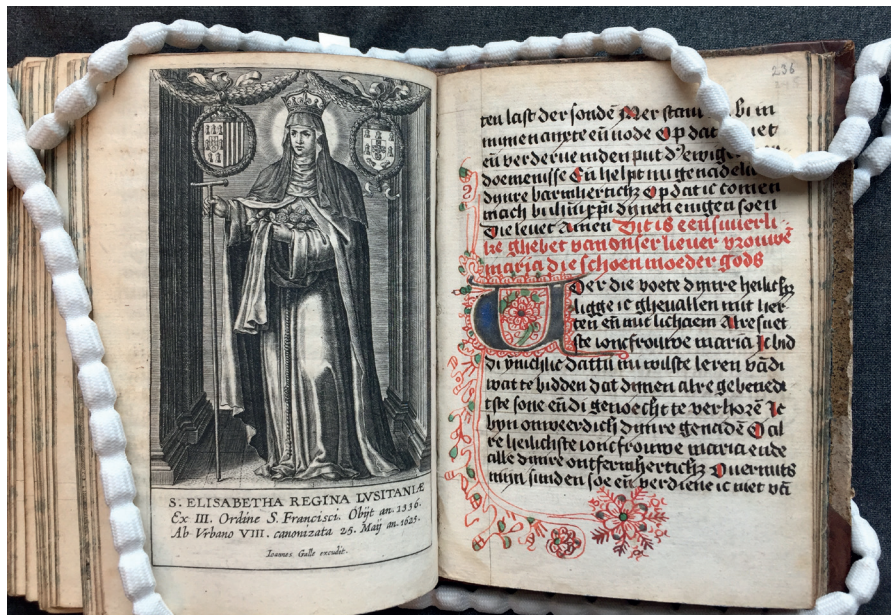


**Fig. 19** – S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal por Theodoor Galle (1571-1633). Gravura, c. 1630 (Wolfegg, Kunstsammlungen der Fürsten zu Waldburg-Wolfegg, n.º invent. 167-269).

Esta estampa pode, provavelmente, ser datada de cerca de 1630, após a sua canonização ou, o mais tardar, antes da morte de Theodoor. Ladeada pelos brasões de Portugal e de Aragão, Isabel surge coroada e é representada nas vestes de clarissa, com o bordão, em forma de tau, na mão direita e, na mão esquerda, as rosas no regaço. Na legenda está inscrito «S. Elisabetha Regina Lusitaniae. Ex III Ordine S. Francisci.

<sup>8</sup> Armando Carneiro da Silva (1964: 46-47) remete para uma outra estampa de Theodoor Galle, da Biblioteca Nacional de Paris.

Objeto 1336. Ab Urbano VIII canonizada 25 Maio an. 1625». A mesma imagem pode ser encontrada num manuscrito de Nimega da irmã Truken Collaers, do século XVI.



**Fig. 20** – S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal assinada pelo impressor Johannes Galle (1600-1676). Gravura em papel, posteriormente integrada num códice manuscrito do século XVI, o ms. 323 da Biblioteca da Universidade de Nimega: *Gebeden aan Heyligen. Dit is een Schoen Ghebet van der Weerdiger Glorioser Heiliger [...]*, livro de orações da irmã Truken Collaers, século XVI, ilustrações do século XVII, 14 x 10,3 cm, 273 pp.

No século XVII, foram publicadas 42 gravuras encadernadas por Johannes Galle e pelo seu pai, Theodoor. Johannes herdou as placas de cobre do pai em 1636 e aplicou à imagem de Isabel uma nova legenda: «Ioannes Galle excudit». De Johannes, falecido em 1676, conhece-se um inventário da sua editora de estampas desde cerca de 1650, encadernado juntamente com outros manuscritos, originário do Mosteiro agostiniano de São Tomás, em Praga (Fuhling, 2017: 226). As estampas dos santos não são todas mencionadas separadamente. Logo, muito provavelmente, faziam parte das centenas de estampas de devoção que são descritas no final do primeiro volume. Aí se afirma o seguinte:

Item, centenas de imagens especiais em 4to de santos de todas as ordens, bem como da Paixão, e várias outras imagens para fins de meditação, que

são impressas em pergaminho, e que devem ser coloridas. Item, todo o tipo de imagens em papel, grandes e pequenas, para os que praticam o Catecismo: a que se juntam todos os dias várias imagens novas, demasiadas para serem aqui mencionadas. (Fuhring, 2017: 237-240)

As estampas de devoção eram comercializadas como trabalhos gráficos para ocasiões especiais ou para uso corrente e, de uma forma geral, não eram consideradas (inclusivamente mais tarde) «estampas artísticas».

Uma imagem de Antuérpia da rainha portuguesa é incluída em *Philippus Prudens*, de 1639, e está atribuída a Cornelis Galle (Pimentel, 2010; Silva, 1964: 26-27).



**Fig. 21** – «S. ELISAETHA LUSITANIAE REGINA VIXIT AN LXV OBIT AN MCCCXXXVI». Gravura em papel de Cornelis Galle, in J. C. Lobkowitz, *Philippus Prudens*, Antwerpen, 1639 (Amesterdão, Allard Pierson, Universidade de Amesterdão OM 63-437).

Atendendo à datação, tanto pode tratar-se do irmão mais novo de Theodoor, Cornelis I Galle (1576-1650), como do respetivo filho, Cornelis II Galle (1615-1678), uma vez que ambos estavam ativos como gravadores. Aqui, a Santa Rainha é retratada com o bordão, em forma de tau, e rosas no regaço. Na legenda consta «S. ELISABETHA LUSITANIAE REGINA VIXIT AN. LXV Obitt AN. MCCCXXXVI». A vestimenta com que é representada inspira-se na gravura de Theodoor, ou seja, no hábito de uma clarissa.

Theodoor e Joannes trabalharam em estreita colaboração com o ilustrador e gravador Pieter de Jode I (1573-1634), que também concebeu inúmeros projetos para as gravuras de Galle. Publicou uma estampa de devoção na qual a rainha é representada com um nimbo à volta da cabeça e flores no regaço.





**Fig. 22** – «SANCTA ELISABETH, Portugaliae Regis filia». Trabalho de Pieter de Jode I, gravura em papel (Bruxelas, Paleis van Schone kunsten, n.º invent. EST\_3198A).

Por baixo, lê-se «Sancta Elisabeth, Portugaliae Regis filia». Embora não seja claro por que motivo esta estampa foi gravada, deverá ter sido amplamente distribuída, já que serviu de modelo para um cartão de óbito holandês de 1831, que foi impresso no verso para Hendrik ter Meulen de Enkhuizen. Aqui, encontra-se a legenda «S. Elisabeth vidua».



**Figs. 23 e 24** – «S. Elisabeth vidua». Gravura anónima em papel, usada como cartão de óbito de Hendrik ter Meulen, falecido em 1831. Enkhuizen (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. OKM dp8390).

O gravador de Antuérpia Joannes van de Sande (ativo entre 1675 e 1713) também se deixou inspirar por esta imagem, à qual foi acrescentada uma prece que faz referência à preocupação pacificadora da rainha: «S. Elisabet Regina Portugalliae Terty ord S. Franc. Salich sijn die Vreedtsamige want sij sullen Godts kinderen genoemt worden [Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus], Matt: Cap: 5, 4 juli, Io van Sande».



**Fig. 25** – «S. Elisabet Regina Portugalliae». Gravura em papel, editada por Joannes van den Sande (ativo entre 1675 e 1713) (Bruxelas, Paleis van Schone kunsten, n.º invent. EST\_2116A).

### *Estampas alemãs não recortadas de Isabel de Portugal*

Era difícil manter os direitos de autor no século XVII. A impressão de gravuras em grande escala também fez com que a reprodução incontrolável dos grafismos se tornasse cada vez mais fácil. Grandes mestres, como Dürer e Rubens, dedicaram-se a este tipo de trabalho (Hout, 2004: 30-39). Os privilégios exclusivos de impressão eram concedidos por altas autoridades (imperador, rei, senado ou autoridades eclesiásticas), uma espécie de direitos de autor, que eram válidos dentro dos limites de uma área administrativa. Nem sempre era claro se o artista ou o gravador deviam ser protegidos. O facto de os gravadores ganharem dinheiro com as criações do grande mestre fez com que Rubens decidisse solicitar a várias autoridades privilégios e patentes com o fim de as proteger contra práticas de

cópia (Hout, 2004: 33). Conseguiu fazê-lo em parte, nomeadamente nos Países Baixos espanhóis, em França e na República da Holanda. Tal revelar-se-ia mais complicado no caso das estampas de devoção, geralmente mais pequenas, mas a menção «cum privilegio» em algumas estampas de santos servia de aviso para afastar eventuais copistas das imitações. Não era, contudo, uma proteção a toda a prova: em 1633, por exemplo, Jean-Baptist Barbé entrou com uma ação judicial contra o seu colega Nicolaas Lauwers, que copiou ilegalmente o seu trabalho e o do seu sogro, Hieronymus Wierix, violando os privilégios que lhes haviam sido concedidos (Hout, 2004: 36). No seu auge, os Galles e os (descendentes dos) Wierixes conseguiram impedir que outros gravadores os copiassem (Thijs, 1993: 96-98), mas, devido à grande popularidade das estampas de devoção, as invenções destes mestres de Antuérpia foram, desde muito cedo, utilizadas como modelo por muitos copistas em toda a Europa Ocidental.

Foram preservados muitos fólhos não guilhotinados de séries de estampas de devoção da Alemanha, muitas vezes copiadas – sem permissão – com base em modelos flamengos (Spamer, 1930: 176-177). Numa grande placa de cobre que podia ser impressa num fólho, foram estampadas imagens devocionais em séries de 3x3, 4x3, 4x4 ou mesmo de 6x6. Alfons Thijs presume que eram chamadas de «folhas de Colónia», pois foram encontradas sob este nome nos inventários dos editores de Antuérpia (Thijs, 1993: 32-33).

Em Schloss Wolfegg, no sul da Alemanha, estão guardadas quatro destas tais «folhas de Colónia» com imagens de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal, dos editores de Colónia Peter Overadt (c. 1605-1630) e Gerhard Altzenbach (antes de 1590-depois de 1672) e ainda de Paulus Fürst de Nuremberga (1608-1666). Na Alemanha, designam este tipo de composição de estampas por *Flugblätter*.

Na Flandres, havia uma grande pressão para a reivindicação do santo padroeiro de Isabel de Espanha, filha de Filipe II, monarca dos Países Baixos de 1598 a 1621 e regente do país de 1621 a 1633. Viveu em Bruxelas e tomou como sua padroeira S.<sup>ta</sup> Isabel da Turíngia, apesar da canonização de Isabel de Portugal em 1625 e de esta ter sido proclamada por Filipe IV como padroeira de Portugal e de Espanha. Em França, venerava-se a filha de um rei, S.<sup>ta</sup> Isabel (Isabelle) de França (1224-1270), que, em 1256, fundou um mosteiro de clarissas em Lonchamp. Não se tornou membro da ordem, mas, como vivia no mosteiro, tal como Isabel da Turíngia e Isabel de Portugal, também foi, por vezes, representada como uma clarissa. Tal não facilita a distinção entre iconografias baseadas em factos históricos, o que também poderá ter constituído um problema no século XVII. As referidas santas

francesa, com o atributo da coroa de espinhos, e portuguesa estão representadas em sequência vertical, na companhia de outros santos franciscanos, num fólio não guilhotinado, publicado em Colónia por Peter Overadt (c. 1605-1630).



**Figs. 26 e 27** – «S. Elisabeth Regina in Portugal» (n.º 6) e «S. Isabella Regina» (n.º 10), num fólio com 16 santos, publicado por Peter Overadt, Colónia (c. 1605-1630). Gravura em papel (Wolfegg, Kunstsammlungen der Fürsten zu Waldburg-Wolfegg, n.º invent. 207-2020).

Aqui, S.<sup>ta</sup> Isabel, rainha de Portugal, é representada com o hábito de clarissa, com o bordão, a escarcela e as rosas no regaço. A francesa «Isabella Regina», também aqui representada com uma coroa de espinhos na mão, usa um hábito de clarissa e, da mesma forma, uma pequena coroa na cabeça. Esta santa, porém, apareceu somente no calendário de santos franciscano e não no calendário romano de santos aplicado por Ribadeneira e Rosweyde à *Generale Legende*.

Desse mesmo editor Overadt conservamos um fólio não guilhotinado de 25 santas, incluindo S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal, com o bordão, em forma de tau, e flores no regaço.



**Figs. 28 e 29** – Fólio, ainda por guilhotinar, com 25 santas, em que figura, na segunda fila, ao centro, S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal. Gravura em papel, impressa por Peter Overadt (c. 1605-1630) em Colónia (Wolfegg, Kunstsammlungen der Fürsten zu Waldburg-Wolfegg, n.º invent. 207-933).

Na composição, está situada na segunda fila, ao centro. Todas estas representações estão enquadradas por uma moldura elegante com quatro flores. Em cima, à esquerda, está a sua tia-avó Isabel da Turíngia, ao lado de um mendigo.

São raras as estampas em que aparecem Isabel da Turíngia e Isabel de Portugal, como é o caso de uma «folha de Colónia» publicada por Gerhard Altzenbach.



**Figs. 30 e 31** – Fólio, ainda por guilhotinar, com nove representações, entre as quais, em segunda posição, ao cima, S.<sup>ta</sup> Isabel da Hungria e S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal, coroadas por S. Francisco. Gravura em papel, impressa por Gerhard Altzenbach, Colónia (Wolfegg, Kunstsammlungen der Fürsten zu Waldburg-Wolfegg, n.º invent. 207-616).

Em Colónia, Altzenbach era também conhecido como «impressor de santos». Enquanto editor e gravador, esteve muito tempo ativo, de 1612 até depois de 1672. A santa portuguesa é identificável pelo seu bordão, em forma de tau, e pelo regaço repleto de flores. A alemã segura o livro, que suporta a coroa, e dá uma esmola a um mendigo, de acordo com a iconografia tradicional (cf. figs. 14 e 15). Acima das senhoras está S. Francisco, no Céu, pronto para lhes colocar a grinalda de virtudes. Embora Isabel da Turíngia tenha entrado na Terceira Ordem de Francisco também como viúva, podemos pressupor que, com toda a probabilidade, a legenda «vidua» não se refira a ela, mas à portuguesa (cf. fig. 23). No caso desta santa não se costuma fazer referência ao estado de viuvez nas legendas. Assim, parece plausível considerar que a imagem da santa numa folha não guilhotinada do editor Paulus Fürst de Nuremberga (c. 1650) deve ser atribuída à portuguesa, no momento em que dá esmolas a um mendigo, tal como acontecia com a sua tia-avó.<sup>9</sup> Aqui, S.<sup>ta</sup> Isabel terá sido representada numa paisagem arcádica.

<sup>9</sup> Tal como é também descrita nos sufrágios. *Vid.* as figs. 35-38.



**Figs. 32 e 33** – «S. Elisabeth viduae». Gravura em papel, publicada por Paulus Fürst em Colónia, c. 1650 (Wolfegg, Kunstsammlungen der Fürsten zu Waldburg-Wolfegg, n.º invent. 205-831).

Uma estampa anónima de S.<sup>ta</sup> Isabel da coleção do Museu Catharijneconvent também parece ser proveniente de uma composição que não foi encontrada.



**Fig. 34** – «S. Elisabeth». Gravura anónima em papel, c. 1650 (?). Aparentemente, um exemplar recortado de uma «folha de Colónia» (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. OKM dp6237).

Esta iconografia tradicional é, de certa forma, semelhante às estampas de Overadt (cf. figs. 27 e 29).

### *Virtudes versus afetos – os suffragia ou imagens mensais*

Tal como no início do século XVII, para praticar as virtudes, foi produzido um outro tipo de estampas de devoção, as chamadas «imagens mensais» ou *suffragia*. O método foi introduzido pelo jesuíta espanhol Francisco de Bórgia, em 1563, na cidade de Roma (Thijs, 1983-1985; Verheggen, 2006: 182-196). Estas impressões mostravam santos e os textos correspondentes às suas virtudes, juntamente com o nome de um membro do grupo de oração, preenchido à mão. Os folhetos eram distribuídos aleatoriamente (como uma «disposição de Deus»). Durante todo o mês, o recetor da imagem tinha de rezar ao santo representado, praticar as virtudes específicas aí descritas e orar pela irmã ou irmão cujo nome estava inscrito no folheto. Este método de oração tornou-se muito popular em comunidades religiosas e irmandades leigas, bem como nas comunidades de virgens e beguinas.

No Museu Catharijneconvent, em Utreque, foi preservado um velho sufrágio de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal; infelizmente, a estampa foi danificada na parte inferior, causando perda de informação. Foi provavelmente publicado por Michiel Cnobbaert, que trabalhou em Antuérpia de 1660 a 1691. Os sufrágios foram gravados em placas de cobre, em conjuntos de 12. Em duas das placas de cobre em forma de fólio foram gravados os santos de um mês inteiro. O texto foi impresso em letras de chumbo sob as imagens e no verso. Após a morte de Cnobbaert, as placas de cobre com sufrágios foram compradas pelo aprendiz Hendrik Thieullier. Depois da morte deste, os sufrágios continuaram a ser impressos pela sua viúva.

A virtude principal impressa na frente é «Gerustigheyt des heren», uma antiga expressão holandesa que significa «(manter a) calma». No verso, está impressa a história de vida de S.<sup>ta</sup> Isabel, baseada em Rosweyde («ex Rosw»), em que determinadas virtudes são focadas na sua biografia.<sup>10</sup> Depois de identificar as origens e

<sup>10</sup> «Godt gave dat de in hooge staet leven / van de H. Elizabeth leerde hoemen de wereirsche grootheyt moet voegen met de Christelijcke ootmoedigheyt! Sij was de dochter van Petrus den III. van dien naem / en den IX koninck van Aragon; sy trouwde met Dionysius, en wiert alsoo koninginne van Portugal. »T Is ongelooftelijck wat kruysken datse van haren man niet en moest lijden / die omdat hij ontuchtig van leven was / meynde dat de H. Elizabeth, die de suyerheyt selver was / haer oogen en liefde op een hoveling had laeten vallen: maer den aen stoker van dese lasteringe is selfs in een steen-oven verbrandt geworden. Op een tijd hadse in haeren schoot



localizar o seu âmbito de ação enquanto rainha de Portugal, pelo casamento com D. Dinis, o texto faz alusão à infidelidade do marido, por oposição à vida casta e fiel da rainha, referindo um episódio de maledicência, de alegada infidelidade, e do mal que adveio a quem a acusou tão injustamente. Descreve depois, com algum pormenor, o milagre das rosas, integrado na sua constante prática caritativa. Faz alusão à sua vida de piedade e de jejuns, à sua peregrinação a Compostela e à troca das suas vestes reais pelo humilde hábito de S.<sup>ta</sup> Clara, tornando-se tanto mais bela quanto pior era a sua aparência. Termina com uma referência às curas e aos milagres que realizou, dizendo o texto que a rainha morreu em 1336, tomando em maior consideração o facto de ter os pobres como amigos do que o de ter reis por pais. Cnobbaert também publicou notas mensais latinas e francesas, que ainda estão guardadas na biblioteca da Sociedade Ruusbroec, em Antuérpia.



**Figs. 35-38** – *Suffragia* de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal publicados por Michiel Cnobbaert (?), Antuérpia, 1660-1690, em holandês, latim e francês. Impressão com gravação em papel, anónimo (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. ABM dp1369; fig. 37: Antuérpia, Ruusbroecgenootschap 3117 C 9:2; fig. 38, a versão francesa: Antuérpia, Ruusbroecgenootschap, Sfr. 1.10:2).

een goede somme gelts / om aen de armen uyt te deyen / en so den koninck haren man haer ontmoeten / en wilde sien watse droeg / is 't in roosen verandert. In haeren medemenselijcken staet was de H.Elizabeth een spiegel van alle bermhertige wercken / jae met die handen / daerse den gouden Scepter mede droeg / wiesch sy de buyte voeten der bedelaren. Haer gebeden waren lang / haere tafel was kort / sy deed pelgrinagien na S. Jacob te Compostellen; sy leyde af haer konincklijke klederen / en gonck als een Religieuse van S. Clara (..) o veel schoonder hoese scheen slechter. Sy deed wondere genesinge en mirakelen / en is in het jaer 1336 gestorven / meer achtende armen te hebben tot vrienden / als koningen te hebben tot ouders ex Rosw.'».

Na gravura frontal, Isabel é retratada com um mendigo no momento em que o seu marido lhe pede para abrir o avental e o dinheiro que aí levava é transformado em rosas. Trata-se de uma iconografia muito próxima da história de vida de S.<sup>ta</sup> Isabel da Turíngia. Hendrik Thieullier, tipógrafo e editor, também publicou instruções sobre como usar os sufrágios da pena do bolandista Daniël van Papenbroeck, SJ. Os sufrágios de Cnobbaert foram alvo de muitas críticas: as vidas de santos já não eram inspiradoras, estavam impressos em letras muito pequenas e, muitas vezes, com imagens primitivas. Papenbroeck usou o seu conhecimento hagiográfico para obter melhores folhas mensais, gravadas com um novo texto.



**Figs. 39-41** – *Suffragia* de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal com textos em holandês e latim de Daniël van Papebroec, SJ, finais do século XVII. Impressão com gravação em papel (anónimo) (figs. 39 e 40: Antuérpia, Ruusbroecgenootschap 3117 C 10.2; fig. 41: Antuérpia, Ruusbroecgenootschap, 3117 C 11:2).

A S.<sup>ta</sup> Isabel portuguesa é então retratada de forma clássica, como uma clarissa com coroa, um bordão, em forma de tau, na mão direita e rosas no regaço. Esta imagem pode ter sido gravada seguindo o modelo da estampa atribuída a Cornelis Galle (cf. fig. 21). A sua virtude mais importante é a «preocupação em fazer a paz», mencionada juntamente com a oração: «Ó Senhor, que destes a S.<sup>ta</sup> Isabel o privilégio de acabar com as guerras impetuosas, concedei-nos, depois da paz nesta vida, pela qual profundamente vos rogamos, alcançar a felicidade eterna. Rezai pela paz entre os príncipes cristãos e por [nome a ser preenchido]». No verso, está a

história da sua vida, bem melhor e mais clara do que no sufrágio de Cnobbaert.<sup>11</sup> Apesar de estes não serem tão baratos como os sufrágios de Cnobbaert, foram reimpressos várias vezes, também em latim e alemão (Thijs, 1983-1985).

No calendário da Igreja Católica Romana da clerezia episcopal da República Holandesa, S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal foi incluída no dia 8 de julho. Na obra hagiográfica *De Levens der Heiligen*, impressa, em Colónia, em 1738, a sua vida é extensamente descrita (Bailler, 1738: 16-22<sup>12</sup>).

Em 1723, ocorreu um cisma na Igreja Católica Romana da República Holandesa. Um grupo conservador, influenciado pelas ideias de Jansenius, entrou em conflito com uma parte do clero, em que se incluíam os Jesuítas, e decidiu nomear um novo bispo para Utreque sem autorização de Roma. A partir daí, este grupo passou a ser conhecido como Igreja Católica Romana da Antiga Clerezia Episcopal. Em 1889, com a associação de espíritos germânicos afins, continuou

---

<sup>11</sup> Verso: «'IV juli, Als Elisabeth, dochter des Koninx van Aragon, in 't jaer 1271 ter werelt quam, verzoende zich onder een, vader en grootvader. In haer teere jonkheyt was zy zoo heylig, dat den vader haer toeschreef al zyn geluk; ende in 't 1282 ten houwelyk gegeven aen Denys Konink van Pottugael, heeft aen alle getroude voor spigel gedient. Deze twisten met zynen zoon, en oorlogen met de naburen, heeft zy meermaels geslist. Zyn schaersheyt tot den armen heeft ze beschaemt gemaekt, toonende het\\gelt, dat z'hun droeg, 's winters tyds in roozen verandert, en zyne ontuchtige trouloosheyt tot onthoudinge gebrocht, met die geduldelyk te verdragen. Na zyn dood in 't 1325 alles verlatende, slootze zich op te Coïmbra in 't Koninklyk klooster van S. Clara, by haer gesticht: maer heefter moeten uytkomen, 65 jaer oud, om in 't 1336 peys te maken tussen haren zoon van Portugael en schoon-zoon Konink van Castiliën: doch zy stirf op de reys. Urbanus Viii heefteze in 't 1625 gecanonizeert. Zalich zyn-ze die vrede maken, want zy zullen kinderen Gods genoemt worden Matt.5».

O texto centra-se na sua ação pacificadora. Desde logo, a referência ao seu nascimento, que congregou o pai e o avô desavindos. Depois do casamento com D. Dinis, o texto fala da construção da paz em múltiplas frentes, entre pai e filho, entre D. Dinis e os seus vizinhos. Na sua ação de apoio aos mais carenciados, é descrito o milagre das rosas, que terá ocorrido no inverno. Há ainda alusão à infidelidade do rei, suportada com paciência pela rainha, que, depois da morte do marido, tudo abandonou, fechando-se no real Mosteiro de Santa Clara, por ela fundado, mas do qual saiu por diversas vezes, a última das quais, aos 65 anos, para fazer a paz entre o seu filho, rei de Portugal, e o seu genro (*sic*), rei de Castela. Contudo, morreu na viagem (*sic*). Depois da referência à canonização, em 1625, termina com a citação das bem-aventuranças: bem-aventurados os construtores da paz, pois não de ser chamados filhos de Deus.

<sup>12</sup> Agradeço a referência a Wietse van de Velde.

sob a designação de Velha Igreja Católica ou Igreja Veterocatólica. Seguiram-se adesões em vários outros países, até se chegar à comunidade religiosa que hoje existe.

Em Utreque, o padre Willibrordus Kemp foi o pai espiritual da missão de S.<sup>ta</sup> Gertrudes. Kemp tomou o lado da clerezia e permaneceu ativo no cabido do lado do «Utrechtse Partij» (Verheggen, 2006: 186-189). Possivelmente, mais de 100 donas ou virgens espirituais estavam ligadas a esta missão. Na convicção de que os sufrágios usados não eram adequados, procedeu-se a uma revisão. Os sufrágios foram encadernados em dois livros raros, que se encontram no Museu Catharijneconvent. S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal é comemorada a 8 de julho. A iconografia da gravura é única: está sentada no seu oratório com pães no regaço. Em segundo plano, dá esmolas aos pobres. A sua principal virtude é ser pacífica.<sup>13</sup> A biografia de Kemp regista claramente a maior parte das virtudes: era piedosa, lia as horas diariamente, jejuava, ajudava os necessitados, desprezava as vaidades, ajudava os pobres, abrigava os peregrinos, visitava os doentes e protegia as meninas da perda da castidade. Foi para si uma cruz pesada o facto de o seu marido cometer adultério e de simultaneamente a acusar de o fazer, mandando-a exilar. Depois da sua morte, quis ser freira, mas o bem-estar dos seus súbditos impediu-a. Afastou a discórdia porque considerava a obtenção da paz a coisa mais importante.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> «Gij hebt / o Jezus / de vrede tusschen Godt en ons gemaekt; het is dan niet wonder dat de H. Elisabeth de vrede zoo betragt heeft: maer het is wel wonder dat wij'er ons zoo weinig aen gelegen laten leggen. Geef ons dat wij de vrede der menschen meer betragten / op dat onze vrede met u vaster worde. Amen. Bid voor de vreedzamigen». Tradução: Vós, Jesus, fizestes a paz entre Deus e nós; não é de admirar que S.<sup>ta</sup> Isabel tenha contribuído tanto para a paz, mas é sim de admirar que nós tão pouca disposição tenhamos para ela. Concedei-nos que possamos contribuir mais para a paz entre os homens, para que a nossa paz convosco se consolide. Ámen. Orai pelos construtores da paz.

<sup>14</sup> «Elisabeth, een voorbeeld van oodmoedigheid geplaatst in 't midden van de wereldsche grootsheid / was de dochter van Petrus de derde / koning van Aragon. Zij wierd met zoo veel voorzorg in de godtvrugtigheid opgevoeid / dat zy / al voor haer twalefde jaer / alles dede met een zonderlinge wijsheid. Dagelijks las zij de Getijden in de plaets van wereldsche boeken: zy verstierf haer met vasten; hielp de behoefligen met hare aelmoessen; en zy versmaedde d'ydelheden / ook die der kleedinge. Als zy getrouwt was met de Koning van Portugael / vermeerderde zy hare oeffeningen / zonder nogtans haren man te mishaegeen. Zy had een bijzondere liefde om d'armen te helpen / de pelgrims te herbergen / de zieken te bezoeken / en om de kuysheid van de dochters in veiligheid te stellen; maer hare zucht om de verdeeltheden weg te nemen / en de vrede te maken ging alles te boven. Het was een swaer kruys voor haer / 't geen zy met veel langmoedigheid opnam / dat hare man in overspel leefde / en dat zy op valsche beschuldigen



E Lizabeth, een hoogheerd van oodmoedigheid geplacert in 't midden van de heerebische grootsheid / was de dochter van Petrus de deers de / koning van Heaagen.

Sy wreed met zoo veel voorzorg in de goddelijckheid opgevoed / dat sy / al vooz haer twaelfde jaer / alles dede met een zonderrijge wijsheid. Dagelijcs las sy de Geschieden in de plaets van heerebische boeken: sy verlicf haer met vollen; hielp de behoefigen met hare oefening; en sy vermaerde d'paelheden / ook die der heerebische dinghe.

Als sy getrouwt was met de koning van Portugal / vermeerderde sy hare oefening; / sonder mogens haer man te mishagen. Sy had een besondere liefde om d'armer te helpen / de pelgrims te herbergen / de siecken te bezoeken / en om de luytsheid van de dochters in veiligheid te stellen; maer hare angst om de vreedelievend weg te nemen / en de vrede te maken ging alles te voren.

Het was een swaer heerebische vooz haer / 't geen sy met heel langmoedigheid oghnam / dat haer man in overveel leede / en dat sy op valliche beschuldigen van hem gebannen wierde. Na de dood van haer man wilde sy Religieus worden / maer het welbaten van hare onderdanen wederhiel haer. Dojders was haer gedrag zoodanig / dat men noyt een koningin zoo heilig zag leven / en gelukkig sterven.

Tragt na vrede met alle menschen / en na de heiligheid / zonder dewelke niemant Godt zien zal. Hebr. 12.

**Figs. 42 e 43** – S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal, em Willibrordus Kemp, *Kort-Begrip van het Gedrag der Heiligen* (Utreque, 1717). Gravura anónima em papel, 13,3 x 7,3 cm (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. ABM od783).

### As «Isabellas»

Durante os séculos XVII e XVIII, foi efetuada uma quantidade considerável de impressões em Antuérpia, especialmente com fins de exportação para Espanha e Portugal. Por via do porto de Lisboa, as estampas de devoção foram exportadas para as colónias de Espanha e de Portugal. Os reis espanhóis adoravam a arte da Flandres e da Holanda, o que criou um mercado para as estampas de devoção de papel e pergaminho feitas em Antuérpia. O falecido professor Alfons Thijs, da Universidade de Antuérpia, encontrou nos arquivos dos gravadores muitas informações sobre a exportação para Espanha e Portugal. O comerciante Jan Boussemart, em Lisboa, recebeu, em 1669, do negociante de arte Forchoudt, num só pacote, 1500 impressões em pergaminho com destino ao Brasil. Já em 1637, milhares de impressões de Antuérpia foram exportadas para as colónias a partir do porto de Lisboa (Thijs, 1993: 26).

van hem gebannen wierd. Na de dood van hare man wilde zy Religieus worden / maer het welvaren van hare onderdanen wederhiel haer. Dojders was haer gedrag zoodanig / dat men noyt een koningin zoo heilig zag leven / en gelukkig sterven. Tragt na vrede met alle menschen, en na de heiligheid, zonder dewelke niemant Godt zien zal. Hebr. 12».

Talvez para evitar equívocos, no final do século XVII, passou a legendar-se as estampas de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal identificando-a como «S. Isabelle» ou «Isabella». Isabel era, na época, um nome de solteira popular entre os falantes de holandês e de francês, pelo que merecia um santo patrono exclusivo. Afinal, a alemã foi chamada de Elisabeth no seu próprio país, e a portuguesa de Isabella. Também é possível que, com vista à exportação, o seu nome tenha sido apurado para Isabella. Além disso, as semelhanças com a iconografia da francesa Isabelle são impressionantes, de modo que ambas podiam ser invocadas ou veneradas em simultâneo (com cruz e coroa de espinhos). O facto de a santa francesa só aparecer no calendário franciscano de santos e de não ter sido incluída no calendário romano do período moderno também aponta para que a representação de Isabella remeta para S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal. Pode supor-se, com relativa certeza, que as «Isabellas» representadas nos Países Baixos se referem à santa portuguesa. É certo que a exportação para França de estampas de devoção de Antuérpia era limitada, mas os santinhos eram exportados com legendas francesas para zonas francófonas como o principado-bispado de Liège (Thijs, 1993: 38-39; Schaik, 2000: 1149-1164).

No século XVIII, as estampas de devoção ganharam popularidade e foram distribuídas em número elevado de tiragens. As estampas de oração detalhadas dos principais gravadores de Antuérpia da primeira metade do século XVII deram lugar a imagens mais comuns, mais simples e talvez também mais apelativas para a piedade popular e para a juventude. Afinal, as crianças recebiam muitas vezes de prenda uma estampa de oração em ocasiões especiais, como a comunhão ou a confirmação. Tais estampas de devoção podem ser encontradas em coleções de vários museus religiosos na Holanda, na Bélgica e na Alemanha. Muitos particulares também recolhem estampas de devoção, com o verso em branco ou com texto manuscrito ou impresso para ocasiões como o óbito, a comunhão, a confirmação, etc. Para a redação deste texto, foram examinadas as grandes coleções do Museu Catharijneconvent de Utreque, da Sociedade Ruusbroec de Antuérpia, do Museu de Breda e do Palais des Beaux-Arts de Bruxelas, entre outras, sendo analisadas quanto à presença de Isabella. Em Antuérpia, por exemplo, há uma pasta onde se lê «Isabella = Elisabeth de Portugal». A maioria das estampas de devoção encontradas trata-se – tal como algumas das imagens anteriores de Isabel de Portugal – de exemplar único: foi apenas encontrada uma única impressão das estampas em questão. Isto significa não somente que as impressões foram transmitidas apenas marginalmente, como também que pode ter havido circulação de outras impressões da santa portuguesa. Por conseguinte, o panorama não é certamente exaustivo.

As mais antigas «Isabellas» em pergaminho foram publicadas por Jan Baptist van de Sande, o mesmo que assinou como Io van Sande e trabalhou em Antuérpia de 1675 a 1713. No entanto, as rosas já não se encontram no regaço, mas são transformadas em buquê na mão direita. Como atributo, segura uma âncora na mão esquerda. Este atributo pode representar *spes* (esperança), firmeza ou talvez funcionar também como um símbolo para os marinheiros: afinal, Portugal era uma nação de marinheiros, com muitas colónias ultramarinas. Essas impressões também podem ter sido feitas especialmente para regiões ultramarinas. Uma oração está gravada no verso de uma das estampas de pergaminho. É uma citação inspirada no Salmo 73.<sup>15</sup>



**Figs. 44-46** – «Isabella». Estampas de devoção de Jan Baptist van de Sande (ativo entre 1675 e 1713). Gravuras coloridas em pergaminho (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. BMH dp1633 (fig. 44) e OKM dp317 (figs. 45 e 46)).

Com a âncora e as rosas no regaço está ela numa estampa gravada e/ou publicada por François Huberti (1656-1687). Aqui é claramente uma rainha sábia mais velha, com o livro de orações a seus pés.

<sup>15</sup> «Wat is er in den hemel / of op den aerde, 't welk / ick buijten u begeert / heb: Gij sijt de Godt / van mijn hart, en mijn / deel in eeuwigheijd. / Psalm 73 / Bidt voor mij / P.V.C.». Tradução: O que há no Céu ou na terra que eu deseje senão a Vós? Sois o Deus do meu coração e a minha herança para sempre. Salmo 73. Rezai por mim. P.V.C.



**Fig. 47** – «S. Isabela». Francois Huberti (1656-1687). Gravura colorida em papel (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. BMH dp1007).

Numa estampa de Jacobus de Man, Pai (1676-1719), segura a cruz na mão direita.



**Fig. 48** – «S. Isabella». Gravura colorida em pergaminho por Jacobus de Man, Pai (1676-1719) (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. OKM dp316).

Esta iconografia não parece nova: num desenho português de 1592, S.<sup>ta</sup> Isabel é representada como uma clarissa, com a cruz também na mão direita e uma coroa de espinhos (Nunes, 1921<sup>16</sup>).

<sup>16</sup> É uma cópia da biografia original que provavelmente foi escrita logo após a sua morte, no século XIV. A cópia está guardada no Museu Nacional de Machado de Castro (agradeço a informação e a imagem a António Rebelo).





**Fig. 49** – Ilustração do *Livro Que Fala da Boa Vida Que Fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel & de Seus Bons Feitos & Milagres em Sa Vida & depois da Morte*. Trata-se de uma ilustração integrada numa cópia da biografia original que terá sido escrita provavelmente pouco depois da sua morte, no século XIV (Museu Nacional de Machado de Castro, 2221).

A partir de 1560, Isabel de Portugal surge associada à coroa de espinhos.



Vida & milagres da gloriosa Raynha sancta  
Ysabel, molher do catholico Rey dō Diniz sexto  
de Portugal. Com lo compromisso da cōfraria do  
seu nome, & graças a ella concedidas.  
M. D. L. X.

**Fig. 50** – *Cruz & Spinea Domini Mei Sceptrum & Corona Mea*. Estampa da *Vida & Milagres da Gloriosa Raynha Sancta Ysabel, Molher do Catholico Rey Dō Diniz Sexto de Portugal*. Com o Compromisso da Cōfraria do Seu Nome, & Graças a Ella Concedidas (Coimbra, João de Barreira, 1560), uma biografia atribuída a um certo Diogo Afonso, secretário do cardeal-infante D. Afonso, mas publicada anonimamente pela Confraria da Rainha Santa Isabel, juntamente com o compromisso desta instituição, no ano da sua fundação. A rainha, em hábito de clarissa, tem uma coroa de espinhos sobre a cabeça, numa clara alusão cristológica, de inspiração franciscana. Segura, com a mão direita, um bordão em forma de tau, excessivamente alto. Depostos aos seus pés, o cetro e a coroa real (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, V.T. 18-10-14).

Também Cornelius de Boudt, que trabalhou de 1687 a 1730, a representou muito frequentemente da mesma forma que Jacobus de Man o fez.



**Figs. 51 e 52** – «S. Isabella». Gravura colorida em pergaminho com uma bordadura decorada com flores. Cornelius de Boudt, c. 1687-1730 (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. BMH dp210).

Tradicional e igualmente inspirada na antiga imagem de 1592 é a gravura publicada pela virgem espiritual Suzanna Verbruggen (1684-1752). A partir de 1710, produziu estampas com a ajuda de placas de cobre que havia comprado ou mandado cortar (Thijs, 1993: 118). S.<sup>ta</sup> Isabel é representada aqui como clarissa, com a cruz nos braços. A sua coroa, que ainda estava aos pés no desenho de 1592, encontra-se agora à direita da mesa.



**Fig. 53** – «S. Isabelle». Gravura colorida em papel, editada por Susanna Verbruggen (ativa entre 1710 e 1752) (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. BMH dp1703).

Outra virgem espiritual que publicou estampas foi Isabella Hertsens (ativa entre 1747 e 1757). Representou a sua santa padroeira com o buquê de flores na mão direita e a âncora a seus pés.



**Fig. 54** – «S. Isabella». Gravura colorida em pergaminho, editada por Isabella Hertsens (Antuérpia, Ruusbroecgenootschap, Heiligen 1, Isabella).

Sentada numa rocha e também com uma âncora e um buquê de flores é como S.<sup>ta</sup> Isabel surge retratada numa estampa publicada por Anna Maria Bunel, ativa entre 1726 e 1766.<sup>17</sup>



**Figs. 55 e 56** – «S. Isabella». Gravuras coloridas em pergaminho, editadas por Anna Maria Bunel (ativa entre 1726 e 1766) (fig. 55: Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. BMH dp250; fig. 56: Antuérpia, Ruusbroecgenootschap, Heiligen 1, Isabella).

<sup>17</sup> A mesma iconografia também está presente no Museu Catharijneconvent, ABMdp2000, também por Anne Maria Bunel, e no Museu de Breda.

Também o editor Lodewijk Fruytiers (1713-1782) publicou estampas com a santa portuguesa. As gravuras impressionantemente belas, que estão guardadas na Sociedade Ruusbroec e no Museu de Breda (BT 01396 e BT 01397), apresentam não uma cruz, mas um cetro nas mãos e a coroa na mesa ou no chão.



**Figs. 57 e 58** – «S. Isabella». Gravuras em papel, uma das quais colorida, publicadas por Lodewijk Fruytiers (1713-1782) (Antuérpia, Ruusbroecgenootschap, Heiligen 1, Isabella).

Finalmente, também subsistem gravuras que não possuem assinatura, uma das quais com a cruz no chão.



**Figs. 59-61** – «S. Isabella». Gravuras coloridas em pergaminho, anónimas. Com texto manuscrito para a primeira comunhão realizada em Middelburg, em 1824 (Antuérpia, Ruusbroecgenootschap, Heiligen 1, Isabella, e Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. ABM dp1849).

A chamada «estampa vestida» é única: uma gravura decorada com tecido, de cerca de 1800, na qual Isabella escreve num livro. No entanto, também poderia tratar-se aqui da Isabella francesa, atendendo à ausência dos atributos acima mencionados.



**Fig. 62** – «S. Izabella Clarisse». Estampa revestida a tecido (Antuérpia, Ruusbroecgenootschap, Beklede devotieprenten, n.º 23).

### *Relíquias de Isabel de Portugal*

Ver S.<sup>ta</sup> Isabel através de uma estampa ou imagem era uma forma de a lembrar e de se sentir inspirado para a imitar. Tal como na Idade Média, também no início do período moderno tinha plena validade o lema «Ver para recordar». Mais do que uma imagem, «um pedaço da santa», uma relíquia, proporcionava maior proximidade com ela do que uma imagem. A santa não era então apenas visível, mas também fisicamente tangível. As relíquias são os restos de santos e de beatos, cuidadosamente guardados em recipientes (selados). Trata-se geralmente de um pedaço de osso (*ex ossibus*) ou de restos de roupas (*ex veste*), mas também, por exemplo, de dentes, de cabelos ou de atributos, isto é, objetos que acompanharam o santo ao longo da vida (as chamadas «relíquias de toque» ou *brandea*). As relíquias eram cobiçadas e preciosas na Idade Média e no início da Modernidade. Atualmente, desempenham um papel mais simbólico de ligação entre o homem, a Igreja e a comunidade de santos. Já não têm (oficialmente) qualquer valor monetário, pois, de acordo com o Código de Direito Canónico de 1917, o comércio de relíquias passou a ser proibido. Uma relíquia de primeira classe, com pedaços de osso de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal, datada do início do século XVIII, ainda

se encontra preservada no altar da Catedral de Santa Gertrudes, em Utreque. A inscrição diz o seguinte: «Santa Ysavel viuda».<sup>18</sup>



**Figs. 63 e 64** – Relíquias de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal da catedral veterocatólica de Santa Gertrudes em Utreque (fotografias de Anique de Kruijf). Fig. 63 – Relíquia em seda branca e castanha clara, com uma corda branca à volta, 3 x 1 cm, «De S(an)c(t)a Elisabeth vidua» (certificado em papel, com o texto a vermelho). Proveniência: Gouda, por via de Jacob Cats chegou a Petrus Codde. Fig. 64 – Fragmentos de osso em papel, 3,5 x 1,5 cm. «Santa Ysavel viuda» (certificado em pergaminho, inscrição a vermelho). É pouco provável que estas relíquias provenham realmente da rainha: afinal, o corpo de Isabel de Portugal encontra-se intacto e incorrupto em Coimbra!

É rara a presença nas igrejas de relíquias antigas conservadas ainda nos invólucros originais. No século XIX, a procura de relíquias aumentou devido ao renascimento da Igreja Católica Romana. Desta feita, foram colocadas dentro de pequenas cápsulas pelas igrejas e pelos mosteiros, as quais, por sua vez, foram integradas em relicários. Nos Países Baixos havia, por todo o lado, *custodes Reliquiarum* (ou guardas de relíquias) ativos na recolocação e certificação de relíquias antigas (Verheggen, 1998; 1999; 2009).

No Museu de Breda, há uma cápsula com relíquias de santos franciscanos. Contém relíquias de S.<sup>ta</sup> Clara de Assis, S. Francisco de Assis, S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal e S.<sup>ta</sup> Coleta Boillet. Peculiar é o próprio relicário onde as relíquias foram colocadas: um pequeno objeto de estanho em forma de custódia.

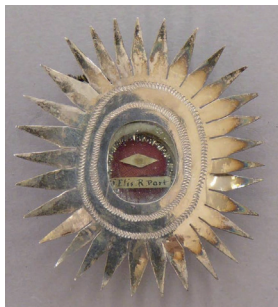
<sup>18</sup> Deixo aqui os meus agradecimentos a Anique C. de Kruijf, que, em 2011, concluiu o seu doutoramento sobre o relicário da Catedral de Santa Gertrudes, em Utreque.



**Fig. 65** – Relicário de estanho com relíquias de santos franciscanos: S.<sup>ta</sup> Clara de Assis, S. Francisco de Assis, S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal e S.<sup>ta</sup> Coleta Boillet. O relicário é da primeira metade do século XVIII, a cápsula é do século XIX (Museu de Breda, coleção Hamers – IJsebrand, n.º invent. G13377).

O estanho, um metal não nobre, não era geralmente considerado um material adequado para conservar os restos de santos. Contudo, as virtudes mais importantes dos Franciscanos são a humildade e a simplicidade, pelo que, neste contexto, o sóbrio mas belo relicário é perfeitamente adequado àquelas relíquias.

Contrariamente aos relicários, assaz preciosos, as relíquias não podiam ser negociadas ou vendidas, pelo que as cápsulas eram frequentemente conservadas sem o relicário original onde haviam sido colocadas. Uma dessas cápsulas, de prata com auréola, contém um (falso) pedaço de osso (*ex ossibus*) de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal.



**Figs. 66 e 67** – Medalhão-relicário com relíquia de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal com o certificado de autenticidade do frei Joseph Castellani, de 1844 (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. ABM v504.23 e ABM v504.24).

A autenticidade da relíquia foi certificada em Roma, em 1844, através de um documento passado pelo padre agostiniano Joseph Castellani, que aparentemente ignorava que o corpo da santa estava preservado intacto em Coimbra. Tradicionalmente, os padres que pertenciam à Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho é que desempenhavam a função de sacristão (*sacrista*) do papa (Verheggen, 1999: 120).

### *Estampas de devoção de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal no século XIX*

No início do século XIX, o surgimento de novas técnicas gráficas, como a litografia, levou ao fim definitivo do florescimento de Antuérpia, no que diz respeito à produção de estampas de devoção. O novo centro de produção localizava-se em França, particularmente em Paris. Embora Isabel de Portugal permanecesse popular como Isabella, a devoção na França nacionalista, onde Isabel é um nome popular, suscitava confusão com a francesa S.<sup>ta</sup> Isabelle ou Isabella.



**Figs. 68-70** – Imagens de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal em estampas de devoção francesas da segunda metade do século XIX (Bruxelas, coleção Société des Bollandistes).

Muitas vezes, a iconografia não permite distingui-las, já que ambas eram rainhas que usavam o hábito de clarissa. Em algumas estampas francesas é bem claro – através da legenda – que a imagem diz respeito à santa portuguesa, podendo, então, outras estampas semelhantes ter sido interpretadas como sendo da francesa e terem sido dotadas de uma legenda (geral).





**Figs. 71-73** – Imagens de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal em estampas de devoção francesas da segunda metade do século XIX (Antuérpia, Ruusbroecgenootschap, Heiligen 1, Isabella, e Bruxelas, coleção Sociéte des Bollandistes).

### *Isabel de Portugal nos séculos XIX e XX em vidro e escultura*

Tanto na Holanda como na Bélgica, ocorreu, no século XIX, um renascimento da fé católica. Foram erguidas muitas novas igrejas. Na Holanda, as pequenas igrejas foram substituídas em toda a parte por maiores – muitas vezes construídas em novos estilos. A edificação de igrejas na Bélgica conheceu um grande florescimento: muitos artistas proeminentes foram contratados para trabalhar nos novos templos religiosos. Nesse contexto, foi atribuído a Isabel um novo papel. Afinal de contas, a sua principal virtude era a tranquilidade, uma das oito bem-aventuranças, segundo Mateus (5, 1-12): «Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus». As virtudes inscritas no Sermão da Montanha estavam também ligadas a santos, e, nesse contexto, era citada Isabel de Portugal. Assim, ela figura em vitrais de igrejas, por exemplo em Nibbixwoud, na Igreja de Santa Cunera, e em Zwolle, na Igreja de Nossa Senhora da Assunção. É também retratada em vitrais em Aalst, na Igreja de São Martinho, na Capela de Santa Isabel de Zutphen e no tesouro de S. Gervásio, em Maastricht. Finalmente, está esculpida em pedra natural numa das mais belas igrejas da Holanda, a de São João de Den Bosch, como exemplar das 118 estátuas de santos de pedra natural que adornam os pilares.



**Fig. 74** – S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal, imagem junto ao pilar da Catedral de São João, em Den Bosch, ateliê Hendrik van Geld. Oferecida, em 1896, por J. A. M. van den Heuvel, deão e pastor em Veghel.

A estátua, de 1896, provém do estúdio do artista Hendrik van der Geld. A partir da segunda metade do século xx, a Igreja Católica Romana começou a recuar novamente e as igrejas foram sendo abandonadas e demolidas. Os vitrais são difíceis de reaproveitar para outros espaços sagrados, pelo que foram desaparecendo. No Museu Catharijneconvent, em Utreque, ainda se conservam os desenhos de projeto dos vitrais da Igreja de São Ludgero, em Utreque, que foi demolida em 1977. Têm a assinatura de Hendricus Kocken, datando de 1934. A santa é retratada aqui numa das suas várias ações de pacificação, convencendo um jovem, talvez o filho (ou o neto, na fase final da sua vida), a depor as armas no conflito que o opunha ao pai.



**Fig. 75** – Projeto para vitrais da Igreja de São Ludgero de Utreque, demolida em 1977. Desenho a cores de Hendricus Kocken, 1934, 78,2 x 57,2 cm (Utreque, Museu Catharijneconvent, n.º invent. RMCC te9.210; fotografia de Ruben de Heer).

### *Conclusões*

Nos séculos XVII e XVIII, a iconografia das estampas de devoção de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal preparadas em Antuérpia desenvolveu-se a partir da sua imagem tradicional, em que usava o hábito de clarissa com o bordão, em forma de tau, e as rosas no regaço, evoluindo para a imagem de uma santa com um buquê de flores na mão, uma âncora (como representação da esperança, confiança e firmeza), uma cruz, rosas no regaço e uma coroa na mesa ou no chão, com um cetro. Quanto às suas virtudes, era representada como sendo amante da paz, auxiliadora de pessoas pobres, visitadora de pessoas doentes, protetora das mulheres contra a maldade dos homens e das mulheres enganadas pelos maridos.

O seu culto, ou veneração, poderia ter tido um propósito político na República Holandesa, mas este texto não pretende tirar conclusões sobre a veneração de Isabel de Portugal como estratégia de Espanha nesse território. As estampas

devocionais de Antuérpia também foram produzidas visando a exportação, através de Espanha e de Portugal, para o resto do mundo. De Cornelius de Boudt, assim como de outros, sabemos que produziu estampas especialmente direcionadas ao mercado espanhol e português.

Com a mudança de nome (de Elisabeth para Isabella) e (a inclusão de) novos atributos por volta de 1700, também a S.<sup>ta</sup> Isabelle francesa é implicada nessa nova iconografia; por exemplo, ambas são representadas como clarissas com uma coroa de espinhos e uma cruz nas mãos. Talvez essas «novas Isabellas» também tenham sido feitas para o mercado de língua francesa.

Esta iconografia de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal desapareceu no século XIX. O centro das estampas devocionais transferiu-se para Paris. Na França (nacionalista), privilegiava-se a veneração de um santo francês, pelo que devem ter optado pela Isabelle francesa! Na iconografia francesa desapareceu a diferença entre Isabel de Portugal, Isabel da Turíngia e Isabelle da França.

Nos séculos XIX e XX, a sua estátua ou imagem em vitrais foi introduzida nas novas igrejas: a diferença na iconografia das três rainhas chamadas Elisabeth ou Isabelle desapareceu. Nesse período, preferiu-se valorizar, de modo muito particular, a qualidade e virtude pacificadora de S.<sup>ta</sup> Isabel de Portugal.

### *Bibliografia*

- Asperen, H. van (2018). Nonnenkunst'. In A. M. W. As-Vijvers & A. S. Korteweg. *Zuid-Nederlandse Miniaturkunst. De Mooiste Verluchte Handschriften in Nederlands Bezit*. Zwolle: Museum Catharijneconvent.
- Bailler, A. (1738). *De Levens der Heiligen voor Ieder Dag Van 't Jaer*. Tot Keulen: Op kosten van de Sociëtyt.
- Blume, D. & Werner, M. (2007). *Elisabeth von Thüringen – Eine Europäische Heilige*. Petersberg: Wartburg-Stiftung Eisenach.
- Boeye, A. de (1631). *Levens der Gebouder Persoonen die Heylighlyck Geleeft Hebben, Alhoewel sy Noch Niet al in 't Ghetal der Heylighen Gestalt en Zyn*. Antwerpen: Ioan Cnobbaert (Allard Pierson, Universiteit van Amsterdam O 61-1954).
- Fuhring, P. (2017). The stocklist of Joannes Galle, print publisher of Antwerp, and print sales from old copperplates in the seventeenth century. *Simiolus*, 39, 225-313.
- Hout, N. van (2004). *Copyright: Rubens en de Grafiek*. Gent: Ludion.
- Kemp, W. (1717). *Kort-begrip Van het gedrag der Heiligen: Getrokken uit de Levens-beschryvingen Der Geleerde en Vermaerde schryvers, die het Waere van het valsche, en het zekere van het onzekere hebben onderscheiden*. Utrecht: Theodorus vanden Eynden (Utrecht, Museum Catharijneconvent, n.º invent. ABM od783).

- Lobkowitz, I. C. *et al.* (1639). *Philippus Prudens Caroli V Imp. Filius, Lusitaniae, Algarbiae, Indiae, Brasiliae Legitimus Rex Demonstratus*. Antuerpiae: Ex Officina Plantiniana Balthasaris Moreti.
- Monteiro, M. (1996). *Geestelijke Maagden. Leven Tussen Klooster en Wereld Gedurende de Zeventiende Eeuw*. Hilversum: Verloren.
- Nunes, J. J. (1921). Livro que fala da boa vida que fez a rainha de Portugal, Dona Isabel, e dos seus boons feitos e milagres em sa vida e depouys da morte. *Boletim da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa*, XIII.
- Pimentel, A. F. (2010). A representação gravada da Rainha Santa Isabel: Política e devoção. *Cultura*, 27, 83-103.
- Ponte, L. de (1632). *Meditation van P. Ludov. de Ponte S.J.: In 't Cort Begrepen door een Priester der Selver Societeyt in Oostenryck.; Ende Verduyscht door Turano Vekiti [...]*. Antwerpen: Jan Cnobbaert.
- Ribadineira, P. & Rosweyduus, H. (1619). *Generale Legende der Heylighen*. Antwerpen: Hieronymus Verdussen.
- Schaik, T. van (2000). Wyck. In P. J. Margy & C. Caspers. *Bedevaartplaatsen in Nederland* (pt. 3). Amsterdam: Meertens Instituut.
- Schoonebeek, A. (ed. e grav.) (1691, reimpr. de 1688). *Nette Afbeeldingen der Eygene Dragten van alle Geestelijke Vrouwen en Nonnen-Orders; Nevens een Korte Aantekening van haar Begin, Voortgang en Bevestiging*. Amsterdam: Adriaen Schoonebeek (Utrecht, Museum Catharijneconvent, n.º invent. BMH od5754(2)). Acedido a 29 de março de 2021, em [https://adlib.catharijneconvent.nl/search/detail?database=collect&fieldname=Field\\_Creator&value=Schoonebeek,%20Adriaen](https://adlib.catharijneconvent.nl/search/detail?database=collect&fieldname=Field_Creator&value=Schoonebeek,%20Adriaen).
- Silva, A. C. da (1964). *Retratos Gravados de Santa Isabel*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Spamer, A. (1930). *Das Kleine Andachtsbild*. München: Bruckmann.
- Thijs, A. K. L. (1983-1985). Notities voor een studie van de Antwerpse 17deeuwse suffragia. *De Gulden Passer*, 61, 561-594.
- Thijs, A. K. L. (1993). *Antwerpen Internationaal Uitgeverscentrum van Devotieprenten*. Leuven: Peeters.
- Verheggen, E. (1998). Particulier of Openbaar? De verering van relieken in het bisdom Breda in de negentiende en twintigste eeuw. *Brabants Heem*, 50 (1), 22-33.
- Verheggen, E. (1999). Geloven, dat kunt ge niet zonder spullekes'. Reliekenbewaarders in Achel en Eindhoven. *Brabants Heem*, 51, 117-128.
- Verheggen, E. M. F. (2006). *Beelden voor Passie en Hartstocht. Bid- en Devotieprenten in de Noordelijke Nederlanden, 17de en 18de eeuw*, Zutphen.
- Verheggen, E. (2009). Verering en verbeelding van pijn. De eeuwenlange discussie over de kracht van relieken. In A. C. De Kruijf & E. M. F. Verheggen. *Het Hemels Lichaam. Miraculeuze Relieken uit de Verzameling Hamers-IJsebrand, Catalogus* (30-51). Breda: Breda's Museum.
- Vondel, J. van (1645). *Altaergeheimenissen*. Köln (Allard Pierson, Universiteit van Amsterdam).

### **ARBITRAGEM CIENTÍFICA (REFEREES)**

- † Alberto Vieira (Centro de Estudos de História do Atlântico)  
Annabela Rita (Universidade de Lisboa)  
António Manuel Ribeiro Rebelo (Universidade de Coimbra)  
Cristiana Lucas Silva (Universidade de Lisboa)  
Cristina Trindade (Universidade de Lisboa)  
Cybelle Salvador Miranda (Universidade Federal do Pará)  
Eliane Cristina Deckmann Fleck (Universidade do Vale do Rio dos Sinos)  
Filipa Araújo (Universidade de Coimbra)  
Hélder Fonseca Mendes (Instituto Histórico da Ilha Terceira)  
Isaías Hipólito (Universidade de Coimbra)  
Joana Balsa de Pinho (Universidade de Lisboa)  
José Carlos Lopes de Miranda (Universidade Católica Portuguesa)  
José Eduardo Franco (Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta)  
Luísa M. Antunes Paolinelli (Universidade da Madeira)  
Madalena Costa Lima (Universidade de Lisboa)  
Margarida Sá Nogueira Lalandi (Universidade dos Açores)  
Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra)  
Maria Margarida Lopes de Miranda (Universidade de Coimbra)  
Martinho Soares (Universidade de Coimbra)  
Patrícia Monteiro (Universidade de Lisboa)  
Paula Carreira (Universidade de Lisboa)  
Paulo de Assunção (Universidade de São Paulo)  
Regina Anacleto (Universidade de Coimbra)  
Saturino Gomes (Tribunal da Rota Romana)  
Saul António Gomes (Universidade de Coimbra)

### **COMISSÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL DA OBRA E DO CONGRESSO ESPÍRITO SANTO: A UTOPIA DA FRATERNIDADE UNIVERSAL**

- Presidente:** António Manuel Ribeiro Rebelo (Universidade de Coimbra)  
Adelino Cardoso (Universidade Nova de Lisboa)  
Albano Figueiredo (Universidade de Coimbra)  
† Alberto Vieira (Centro de Estudos de História do Atlântico)  
Ana Maria Rodrigues (Universidade de Lisboa)  
Ana Paula Avelar (Universidade Aberta)  
Anderson Vargas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)  
André Vauchez (Académie des Inscriptions et Belles-Lettres)  
Annabela Rita (Universidade de Lisboa)  
António Filipe Pimentel (Universidade de Coimbra)  
António Moniz (Universidade Nova de Lisboa)  
António Pedro Sangreman Proença Marcelino Mesquita (Universidade de Lisboa)  
Armando Martins (Universidade de Lisboa)  
Arménia Maria de Souza (Universidade Federal de Goiás)  
Avelino de Freitas de Meneses (Universidade dos Açores)  
Belmiro Fernandes Pereira (Universidade do Porto)  
Bernardo Vasconcelos e Sousa (Universidade Nova de Lisboa)

Carlos A. Moreira Azevedo (Conselho Pontifício da Cultura)  
 Carlos Aurélio Ventura Morujão (Universidade Católica Portuguesa)  
 Carlos Fiolhais (Universidade de Coimbra)  
 Carlota Maria Lopes de Miranda Urbano (Universidade de Coimbra)  
 Cécile Vincent-Cassy (Universidade de Paris XIII)  
 Celso Carminati (Universidade do Estado de Santa Catarina)  
 Daniela Marcheschi (Universidade Florença)  
 Delfim Leão (Universidade de Coimbra)  
 Edgard Leite Ferreira Neto (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)  
 Ernesto Rodrigues (Universidade de Lisboa)  
 Fátima Reis (Universidade de Lisboa)  
 Fátima Sá (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa)  
 Fernanda Enes (Universidade Nova de Lisboa)  
 Francisco Senra Coelho (Universidade Católica Portuguesa)  
 Giulia Rossi Vairo (Universidade Nova de Lisboa)  
 Guilherme d'Oliveira Martins (Centro Nacional de Cultura)  
 Hélder Fonseca Mendes (Diocese de Angra do Heroísmo)  
 Henrique Manuel Pereira (Universidade Católica Portuguesa)  
 Irene Maria Vaquinhas (Universidade de Coimbra)  
 Isabel dos Guimarães Sá (Universidade do Minho)  
 Jacinto Farias (Universidade Católica Portuguesa)  
 † João David Pinto-Correia (Universidade de Lisboa)  
 João Paulo Oliveira e Costa (Universidade Nova de Lisboa)  
 Jorge Bastos da Silva (Universidade do Porto)  
 José António de Camargo Rodrigues de Souza (Universidade Federal de Goiás)  
 José Carlos Lopes de Miranda (Universidade Católica Portuguesa)  
 José Carlos Seabra Pereira (Universidade de Coimbra)  
 José Eduardo Franco (Universidade Aberta)  
 José Facinto Farias (Universidade Católica Portuguesa)  
 José Ignacio Ruiz Rodrigues (Universidade de Alcalá de Henares)  
 † José Marques (Universidade do Porto)  
 José Mattoso (Universidade Nova de Lisboa)  
 José Paulo Leite de Abreu (Universidade Católica Portuguesa)  
 José Pedro Paiva (Universidade de Coimbra)  
 Juan Ignacio Pulido Serrano (Universidade de Alcalá)  
 Luis Eduardo Oliveira (Universidade Federal de Sergipe)  
 Luís Machado de Abreu (Universidade de Aveiro)  
 † Manuel Augusto Rodrigues (Universidade de Coimbra)  
 Manuel Clemente (Universidade Católica Portuguesa)  
 Manuel Gomes Barbosa (CIRP)  
 Maria de Fátima Reis (Universidade de Lisboa)  
 Maria de Lourdes Cidraes (Universidade de Lisboa)  
 Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra)  
 Maria José Azevedo Santos (Universidade de Coimbra)  
 Maria Margarida Lopes de Miranda (Universidade de Coimbra)  
 Mário Avelar (Universidade de Lisboa)  
 Miguel Real (Universidade de Lisboa)  
 Nair de Nazaré Castro Soares (Universidade de Coimbra)

Onésimo Teotónio Almeida (Universidade de Brown)  
Paulo de Assunção (Universidade Estadual do Maringá)  
Pedro Flor (Universidade Nova de Lisboa)  
Paulo Mendes Pinto (Universidade Lusófona)  
Pedro Caridade de Freitas (Universidade de Lisboa)  
Pierre Antoine Fabre (École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris)  
Rogério Luiz de Souza (Universidade Federal de Santa Catarina)  
Sandra Saldanha (Universidade de Coimbra)  
Saul António Gomes (Universidade de Coimbra)  
† Sebastião Tavares de Pinho (Universidade de Coimbra)  
Tony Neves (Universidade Católica Portuguesa)

### **INSTITUIÇÕES PROMOTORAS DO CONGRESSO**

Câmara Municipal de Alenquer  
Confraria da Rainha Santa Isabel de Coimbra

### **INSTITUIÇÕES PROMOTORAS ASSOCIADAS AO CONGRESSO**

Reitoria da Universidade Aberta  
Reitoria da Universidade de Coimbra  
Reitoria do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

### **INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS COORDENADORAS DO CONGRESSO**

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
Centro de História da Sociedade e da Cultura  
CIDH da Universidade Aberta  
CLEPUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes

### **INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS E CULTURAIS ASSOCIADAS AO CONGRESSO**

Academia Portuguesa da História  
ALENCULTA, Associação Cultural do Concelho de Alenquer  
Alto Comissariado para as Migrações  
Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos  
Centro Académico de Democracia Cristã (C.A.D.C)  
Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa  
Centro de Estudos de História do Atlântico Alberto Vieira (CEHA)  
Centro de Teoria e História do Direito da Universidade de Lisboa  
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos  
Centro Nacional de Cultura  
CHAM – Centro de Humanidades (CHAM – NOVA FCSH)  
Ciências das Religiões da Universidade Lusófona  
CIRP – Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal  
Comissão das Festas do Império do Divino Espírito Santo de Alenquer  
Grupo de História da Filosofia do Centro de Filosofia (FLUL)  
Instituto de História e Arte Cristãs (Arquidiocese de Braga)  
Instituto Português de Santo António em Roma  
Santa Casa da Misericórdia de Aldeia Galega da Merceana



Santa Casa da Misericórdia de Coimbra  
Santa Casa da Misericórdia de Viseu  
Secretaria Regional da Educação e Cultura da RAA  
Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura  
Sociedade Brasileira de Retórica  
Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais  
Sociedade Portuguesa de Retórica  
União das Misericórdias Portuguesas  
Universidade dos Açores

#### **INSTITUIÇÕES PATROCINADORAS DO CONGRESSO**

Associação Mutualista Montepio  
Caixa de Crédito Agrícola  
Casa Santos Lima  
CLEPUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Confraria do Café  
Delta  
Direção Regional das Comunidades da RAA  
Europastry  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Fundação Calouste Gulbenkian  
Fundação Millennium BCP  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Luís Simões  
Quinta das Lágrimas  
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa  
Turismo do Centro de Portugal  
Vimeiro

#### **INSTITUIÇÕES PROMOTORAS E FINANCIADORAS DA OBRA**

Câmara Municipal de ALENQUER  
Câmara Municipal de Angra do Heroísmo  
Câmara Municipal de Ponta Delgada  
Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta  
CLEPUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Confraria da Rainha Santa Isabel de Coimbra  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes  
Theya Editores

#### **INSTITUIÇÕES PROMOTORAS DO CONGRESSO**



CONFRARIA  
DA RAINHA  
SANTA ISABEL

INSTITUIÇÕES PROMOTORAS ASSOCIADAS AO CONGRESSO



INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS COORDENADORAS DO CONGRESSO



INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS E CULTURAIS ASSOCIADAS AO CONGRESSO





### INSTITUIÇÕES PATROCINADORAS DO CONGRESSO



### INSTITUIÇÕES PROMOTORAS E FINANCIADORAS DA OBRA

